

UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA PARA AS ORAÇÕES ADJETIVAS¹

Monika Benttenmüller AMORIM (UFF)²

RESUMO: Estudo das orações adjetivas do português, tendo como foco a comparação das orações adjetivas em sua forma padrão e em sua forma não prototípica. Toma-se como base a orientação teórica postulada pela lingüística funcional. Dá-se especial atenção ao princípio de iconicidade, ao processo de gramaticalização através de orações e aos processos de classificação. Análise e observação de como os alunos classificam as orações adjetivas em sua forma padrão e em sua forma não prototípica. Ao final, apresenta-se proposta de interpretação para as adjetivas não prototípicas, ampliando a trajetória unidirecional *parataxe* > *hipotaxe* > *subordinação* de Hopper & Traugott, 1993.

ABSTRACT: A study of the relative clauses of the Portuguese language with focus on comparing them in their prototype and non prototype forms. The functional linguistics theory is taken as the basic support for this study. Special attention is given to the iconicity principle, grammaticalization process and linguistic categorization. Analyses on how students interpret and classify the relative clauses, both in their prototype and non prototype form. At the end, a proposal of a new way of interpreting the non prototype relative clauses, enlarging the graphic *parataxis* > *hypotaxis* > *subordination* from Hopper & Traugott, 1993.

1. Introdução

O presente estudo tem como foco a observação e análise das orações adjetivas do português, no âmbito do ensino/aprendizagem. Nossas análises e reflexões usam como suporte o embasamento teórico postulado pelo funcionalismo, principalmente pelos estudos de Hopper & Traugott (1993), Votre, Cezario & Martelotta (2004), Furtado da Cunha, Oliveira & Martelotta (2003), Neves (2001) e Taylor (1989). Dá-se especial atenção ao princípio de iconicidade, ao processo de gramaticalização através de orações e aos processos de classificação das orações adjetivas. Observam-se as orações adjetivas privilegiando-se o enfoque funcional, a partir da interdependência entre semântica e sintaxe e da perspectiva de se estudar a língua através de um *continuum*.

Optou-se pelo procedimento de se realizar tal estudo através de coleta de dados junto a docentes e discentes, em instituições de ensino público e privado, na cidade de Niterói-RJ. O referido procedimento permitiu-nos uma análise interpretativa dos aspectos semântico-pragmáticos envolvidos no processo de classificação das orações adjetivas efetuado pelos alunos. Ou seja, como os alunos, em geral, interpretam e classificam as orações adjetivas em sua forma padrão, prototípica, e em sua forma não prototípica.

Nossos resultados apontaram grande tendência dos alunos em optar pela classificação de adjetivas explicativas em lugar de adjetivas restritivas. Tal tendência foi freqüente em exemplos de adjetivas restritivas em finais de enunciados, já que o foco de atenção do aluno é maior no início dos fragmentos de textos. Verificamos, também, que o sentido de “restrição”, mesmo dentro do universo das adjetivas prototípicas, não é identificado facilmente, principalmente em períodos mais longos, encerrando uma informação.

Em exemplos cujo arranjo oracional se distancia do eixo prototípico, as chamadas orações adjetivas não prototípicas, a dificuldade em classificar as orações é ainda maior. Orações adjetivas não prototípicas possuem uma certa independência informacional em relação ao restante do texto, fazendo, inclusive, que se questione se o pronome relativo, tal como apresentado nesses tipos de orações, não estaria funcionando mais como um operador discursivo.

Ao final da pesquisa e dentro da perspectiva de se estudar as estruturas lingüísticas através de um *continuum*, foi proposto, neste estudo, a ampliação da trajetória unidirecional de Hopper & Traugott (1993) de *parataxe* > *hipotaxe* > *subordinação* para *discurso* > *parataxe* > *hipotaxe* > *subordinação*. Desta forma, as adjetivas não prototípicas estariam vinculadas ao “discurso”, pois, concordando com Azeredo (1997), essas orações encerram uma associação discursiva *lato senso*, que se dá além da oração. Tal proposta, no entanto,

¹ Estudo baseado na dissertação de mestrado intitulada “Orações adjetivas: uma abordagem funcionalista”, defendida em março/2006, UFF.

² E-mail para contato: monikaamorim@yahoo.com.br

não encerra a questão das adjetivas e suas possíveis classificações. Ao contrário, é passível de questionamentos, aprofundamentos e de outros novos estudos.

2. Princípio de Iconicidade

Acredita-se que há, na estrutura lingüística, uma motivação proveniente da situação comunicativa. Segundo este princípio, existe uma relação não-arbitrária entre forma e função. Em outras palavras, existe uma relação natural entre o código lingüístico, a forma, e a mensagem comunicativa. Observa-se que ao se optar pelo uso de uma determinada estrutura lingüística em detrimento de outra, haveria uma motivação maior (função), a qual resultaria em determinada(s) forma(s) lingüística(s).

Seguindo os fundamentos do princípio de iconicidade, considera-se que ele se manifesta em três subprincípios: o subprincípio da quantidade, o subprincípio da proximidade e o subprincípio da ordenação linear.

Apontaremos como se dão tais manifestações teoricamente e destacaremos alguns exemplos de suas manifestações em orações adjetivas, retiradas de textos veiculados pela mídia jornalística.

- a) Subprincípio da quantidade – de acordo com o subprincípio da quantidade, quanto maior for o volume de informação a ser transmitida ao interlocutor, maior será a quantidade de forma utilizada para representar essa informação lingüisticamente. Além disso, em situações de informações muito recentes ou imprevisíveis, ocorridas no ato da interação comunicativa, observaremos, também, uma maior quantidade de forma.
- b) Subprincípio da proximidade – de acordo com o subprincípio da proximidade, os conteúdos que se encontram mentalmente próximos colocam-se juntos sintaticamente no ato comunicativo. Ou seja, os conceitos mais integrados no plano cognitivo também se apresentam com maior grau de ligação morfossintática.
- c) Subprincípio da ordenação linear – de acordo com o subprincípio da ordenação linear, a disposição dos elementos lingüísticos na frase segue uma ordem hierárquica, representada de acordo com a ordem de importância dos elementos atribuída pelo falante. A informação mais previsível e mais tópica tende a aparecer em primeiro lugar.

Abaixo, reproduzimos duas seqüências textuais retiradas do jornal “O Globo”, revista no. 35, de 27/03/2005, a título de ilustração dos três subprincípios de iconicidade:

(1)X versus Y

“Dias atrás, o assunto veio à tona com a amplamente noticiada análise da composição do cromossomo X, realizada por um consórcio internacional de pesquisa e apresentada na revista britânica “Nature”, uma das bíblias da ciência mundial. Nas monótonas linhas das seqüências de milhares de bases **que compõem o X** estão informações **que poderão explicar algumas das diferenças entre homens e mulheres** e, mesmo, parte da receita genética **que faz cada pessoa única em todo o mundo.**” (O Globo – Revista, no.35, p.23, 27/03/2005)

(2)Barbie falava: “Matemática é difícil”

“- Quando criaram a Barbie **que falava**, uma de suas frases era “Matemática é difícil” . Um brinquedo **que é preferencialmente usado por meninas** passava para elas desde cedo uma idéia negativa sobre a matemática. Criou-se um estigma. Como atribuir ao cérebro essa habilidade? Não há estudo científico **que comprove essa “aptidão intrínseca” dos homens** – afirma.” (O Globo – Revista no. 35, p.29, 27/03/2005)

Observando-se as seqüências (1) e (2), podemos notar que os elementos lingüísticos utilizados para caracterizar, em (1), o cromossomo X, e, em (2), a Barbie, são vários, justamente porque encerram a informação mais importante, mais relevante e imprevisível. Em (1), o cromossomo X é descrito como **aquele que pode explicar algumas das diferenças entre homens e mulheres** e o “que faz cada pessoa única em todo o mundo”. Em (2), a Barbie é caracterizada como **um brinquedo que fala, que é preferencialmente usado por meninas e que tal brinquedo passava para elas, desde cedo, uma idéia negativa sobre a matemática**.

Nos dois exemplos, verificamos a ocorrência de considerável quantidade de forma lingüística para que a informação nova pudesse ser compreendida de maneira mais clara, ilustrando, portanto, o subprincípio da quantidade. Paralelamente, observamos que houve também grande freqüência no uso de orações adjetivas restritivas.

Em **que compõem o X / que poderão explicar algumas das diferenças entre homens e mulheres / que faz cada pessoa única em todo o mundo** presentes no exemplo (1) e em **que falava / que é preferencialmente usado por meninas / que comprove essa “aptidão intrínseca” dos homens** presentes no exemplo (2), percebemos que há um nível de integração forte entre o sintagma nominal e a oração adjetiva. Verificamos, assim, a manifestação do subprincípio da proximidade nos referidos exemplos.

Na oração adjetiva restritiva padrão o sintagma nominal (SN) antecedente é menos definido, por isso mesmo mais dependente da restritiva, conseqüentemente a restritiva apresentando-se com maior *status* informacional. Além disso, a oração adjetiva restritiva padrão não se apresenta intercalada por inserções ou pausas (verifica-se tal ocorrência em todos os exemplos acima destacados). Em Rios de Oliveira (2002), temos que o fluxo textual contínuo, evidenciado pela ausência de pausas e de demais termos entre antecedente e relativo, confirma a maior integração da seqüência assim organizada.

Quanto ao subprincípio da ordenação linear, temos como exemplo, em (1), a ordem estrutural **que compõem o X / que poderão explicar algumas das diferenças entre homens e mulheres / que faz cada pessoa única em todo o mundo**, devidamente distribuída na cadeia discursiva, de acordo com o grau de importância que representa para o falante. Para o falante, seguir uma hierarquia na ordem em que os elementos de seu discurso se apresentam não será fortuito, mas previamente estabelecido por ele, ainda que esta não seja uma atitude conscientemente adotada.

3. Gramaticalização através da integração oracional

O termo *gramaticalização* foi introduzido por Meillet, no século XX. Segundo o autor, gramaticalização é “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (Meillet, 1912;1948, p.131, apud Neves, 2001, p.113). Para Meillet, a palavra lexical é a fonte primeira da forma gramatical e o processo de transição se dá num *continuum*.

Em Hopper & Traugott (1993), o processo de gramaticalização é considerado a partir de uma perspectiva mais ampla do que se verifica na abordagem tradicional. Os autores “propõem a combinação de dois critérios para o estabelecimento de um contínuo de orações: dependência e encaixamento” (Hernandes, 1998). Segundo eles, a combinação de orações, por exemplo, pode ser vista como um **declive unidirecional**, ou seja, uma trajetória no sentido da menor para a maior integração das orações, em que há uma forte distinção entre a estrutura da oração subordinada e a estrutura da oração coordenada. Assim, estruturas caracterizadas pelo processo de justaposição, menos encaixadas, seriam relativamente mais livres em relação às combinações sintático-morfológicas mais gramaticalizadas, como nas orações mais encaixadas, as subordinadas.

Hopper & Traugott (op. cit) dividem os processos de combinação oracional em três tipos: parataxe, hipotaxe e subordinação. Parataxe caracteriza-se por uma independência relativa entre as orações. Hipotaxe caracteriza-se pela interdependência entre as orações, havendo uma oração-núcleo e margens compostas por uma ou mais orações. Subordinação caracteriza-se pela dependência completa entre as orações, em que a oração marginal se integra totalmente ao núcleo. Desta maneira, no que concerne ao português, via de regra, podemos considerar que as orações justapostas e coordenadas são classificadas como paratáticas; as orações adjetivas explicativas e adverbiais são classificadas como hipotáticas e as orações adjetivas restritivas e substantivas são classificadas como subordinadas.

Os autores citados também representam, em forma de gráfico, níveis de combinações entre as orações, os quais seguiriam a trajetória *parataxe > hipotaxe > subordinação*. Tal proposta aponta uma trajetória

unidirecional, no sentido da menor para a maior integração das orações. Teríamos assim (Hopper & Traugott, 1993, p. 170):

parataxe > hipotaxe > subordinação
(conteúdo)- dependente + dependente + dependente
(expressão)- encaixada - encaixada + encaixada

Hopper & Traugott (1993) afirmam que as orações subordinadas são provenientes de orações coordenadas, que são menos encaixadas, em decorrência do fenômeno de gramaticalização. A hipótese unidirecional prevê também que a subordinação tenha sido resultado da hipotaxe.

Votre (2004) refere-se à hipótese segundo a qual, em sua primeira fase, as línguas seriam paratáticas, com predomínio de justaposição das orações, com iconicidade diagramática (em que forma reflete o conteúdo). Posteriormente, as pressões de uso seriam a causa de uma progressiva hipotaxe (vide gráfico de Hopper & Traugott, acima). Nessa categoria estariam incluídas as construções com adverbiais e adjetivas explicativas.

Em Rios de Oliveira (2001, ABRALIN), a autora ressalta que, fora do eixo básico de cada um dos três níveis acima, haveria a possibilidade de uma série de graus ou níveis de junção situados em espaço mais marginal. Tais níveis seriam exemplos de arranjos ou estruturas menos representativos de cada padrão classificatório.

Seguindo essa abordagem teórica, as orações adjetivas explicativas e restritivas estariam em pontos distintos do eixo básico subordinação. Assim, as orações adjetivas explicativas, mais independentes da oração principal, pertenceriam ao nível da hipotaxe. As orações adjetivas restritivas, por sua vez, mais integradas ao sintagma nominal (SN) antecedente, portanto mais dependentes da oração principal, pertenceriam ao nível da subordinação.

4. Classificação e Prototipicidade

O ato de se classificar é uma maneira de se tentar organizar as estruturas lingüísticas em grupos distintos, de forma a reunir numa mesma categoria estruturas que compartilhem características semelhantes.

Ao observar os vários tipos de classificações em que determinados elementos são agrupados, Taylor (1989) ressalta a necessidade de também se considerar a existência de estruturas menos representativas dos padrões classificatórios adotados, ou seja, os elementos marginais, periféricos. Os elementos pertencentes a uma mesma categoria não possuem, necessariamente, o mesmo *status* no que se refere à questão da frequência e de suas possíveis ramificações, por exemplo.

Para Taylor, as estruturas, em geral, são classificadas de acordo com seus traços, similitudes, suas propriedades mais relevantes. Assim, estruturas pertencentes a uma mesma categoria compartilham características semelhantes. O autor cita como exemplo o subitem “cadeira”, que estaria incluído no item “móvel”, o qual pertenceria à categoria “manufatura”.

Ao aplicarmos a teoria classificatória de Taylor (op. cit.) às orações adjetivas, verificamos que tais orações são classificadas obedecendo-se suas características mais representativas e evidentes. Observa-se que a classificação das orações adjetivas do português em restritivas ou explicativas encontrada nas gramáticas tradicionais e nos compêndios escolares, apoiada, em geral, em exemplificação literária, é feita de acordo com os traços prototípicos de cada uma delas, levando-se em conta as características definidoras de cada classe.

Pela perspectiva funcionalista, no entanto, faz-se necessário que seja dada atenção à distinção de motivação, de produtividade e de configuração das adjetivas no uso contextualizado. Desta forma, em meio às orações adjetivas prototípicas, verifica-se que há significativo número de estruturas em posição marginal, ou seja, estruturas que não portariam os traços comumente usados para definir a restrição e a explicação.

5. Orações adjetivas restritivas/explicativas “desgarradas”

Em outra abordagem para orações adjetivas, realizada por Decat (in Braga, Bittencourt e Decat, 2001), foi verificado o emprego de orações adjetivas restritivas/explicativas portadoras de unidades informacionais à parte, ou seja, orações que fazem referência ao todo, não se referem a um elemento específico do sintagma oracional (SN) anterior. Tais unidades foram classificadas pela autora como “desgarradas”, justamente por serem menos integradas ao SN antecedente.

De acordo com essa classificação, estão incluídas nesse grupo as adjetivas explicativas/apositivas e as relativas “sem cabeça”. Segundo a autora, as orações adjetivas desgarradas funcionam como adendos, acrescentando uma informação suplementar.

Em se tratando de relativa ‘sem cabeça’, a autora a define como “a construção que não se pode identificar o substantivo (o sintagma nominal, o referente) que a oração relativa modifica, realça”(op. cit., p. 106). Reproduzimos, abaixo, exemplos de oração adjetiva relativa “sem cabeça”, citados pela autora:

(3) *Estava sem assunto. **O que não deve surpreender ninguém.** Afinal, esta é praticamente uma constante. Estou sempre sem assunto. Mas aí tocou o telefone. Era a Adriane Galisteu.* (Artur Xexéo, *Jornal do Brasil*, 3 de set. de 1999)

(4) *Os textos **que mandei de Nova York** foram publicados pelo Globo num caderno especial sobre os atentados, mas não foram distribuídos pela agência. Levando alguns dos meus 17 leitores a suspeitarem que eu estava num processo patológico de rejeição da realidade, **o que não é o caso.** Ainda.* (F.Veríssimo – *Fundamentalismos – Opinião – Estado de Minas – 18/09/2001 – p. 7*)

Em (3), **O que não deve surpreender ninguém** é um exemplo de oração desgarrada, sem integração evidente junto ao antecedente, já que faz referência ao todo. Percebe-se a autonomia da oração também na forma como foi pontuada, com ausência de vírgulas.

Em (4), temos em **que mandei de Nova York** um exemplo de oração adjetiva restritiva padrão, com antecedente menos definido, representado por nome genérico no plural, “textos”, e adjetiva mais recortada, com maior *status* informacional. Ao final do parágrafo, no entanto, observamos a utilização de uma adjetiva não prototípica, “desgarrada”, nas palavras da autora. Na expressão **o que não é o caso**, há uma referência ao todo do enunciado novamente, e não a um antecedente menos definido. O antecedente possui mais *status* informacional.

Observamos que as orações relativas explicativas/apositivas e as relativas ‘sem cabeça’ estariam mais propícias ao desgarramento, face à sua característica de vinculação com o todo, como visto em (3) e (4), e não com um elemento anterior em específico. Segundo Decat (op. cit., p.109), “se não há um referente explícito, não há por que impedir o desligamento da oração como uma estrutura independente”. Ainda seguindo as palavras de Decat, essas estruturas têm uma certa independência informacional do restante do contexto.

Abaixo, reproduzimos exemplos de orações adjetivas explicativas/apositivas “desgarradas”, coletados no período 01/06 a 30/09/2006, provenientes do jornal “O Globo”:

a) “[...] E num campeonato que tem se caracterizado por decisões no finzinho, a Itália conseguiu o máximo: uma decisão no finzinho – com um pênalti! **Que**, na minha opinião, não houve”. (Veríssimo, *O Globo*, 27/06/06)

b) “[...] Por incrível que pareça, estamos com saudades da Vivo, da Tim, da Oi e da Claro. **Que**, pelo menos, cobram em reais, acabam com os nossos nervos em português e, no fim, resolvem os piores abacaxis com o tradicional jeitinho brasileiro”. (Rónai, *O Globo*, 24/06/06).

c) “[...] Quando convidaram o João Saldanha para ser o técnico da seleção de 70, a primeira coisa que ele fez, na primeira entrevista que deu como técnico, foi escalar o time titular. **Que** acabou não sendo o time que venceu no México, mas só o seu anúncio já mostrava que a mentalidade era outra.” (Veríssimo, *O Globo*, 09/06/06)

Observamos que as orações acima, ao contrário do que ocorre com as orações adjetivas padrão, se apresentam de forma menos integrada ao antecedente. Percebe-se, inclusive, uma certa autonomia nessas orações, principalmente na forma em que são pontuadas, com ausência de vírgulas entre as mesmas e iniciando frases após uma pausa.

Entendemos que a forma de pontuação escolhida pelo autor ao iniciar frases com a utilização do elemento lingüístico “que” reflete, também, a sua intenção comunicativa. Nas orações analisadas, essa intenção poderia ser interpretada como um adendo ao pensamento original, uma informação extra, quase como um “pensar alto”. Essa característica vem confirmar o traço de independência semântica mais evidenciada nesse tipo de arranjo oracional se comparado a uma independência sintática.

6. Análise do corpus

Foi solicitado a um grupo de sessenta e oito alunos que classificassem as orações adjetivas presentes em alguns fragmentos de textos. Dentre os fragmentos de textos selecionados, há exemplos de orações adjetivas prototípicas e “desgarradas”. Abaixo, reproduzimos os resultados:

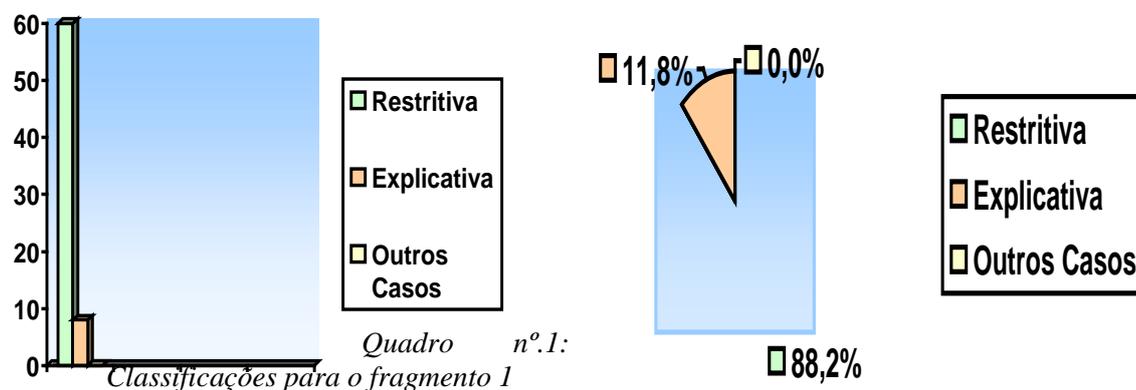
Fragmento 1

“Os alunos **que foram mal na primeira avaliação** terão aulas de reforço”.

(Magalhães & Cereja, *Gramática Reflexiva*, 8ª série).

Classificação dos alunos:

- Oração adjetiva restritiva..... 60 alunos
- Oração adjetiva explicativa..... 08 alunos
- Outros casos..... 0



Para o fragmento 1, observa-se significativa quantidade de alunos, sessenta, que interpretaram o sentido como sendo restritivo. A oração em referência contempla exemplo de adjetiva restritiva padrão, ou seja, o antecedente é menos definido, representado por nome genérico no plural, “alunos”, e a adjetiva restritiva com mais *status* informacional. Tais características podem ter contribuído para que 88,2% dos alunos classifikassem a oração como restritiva.

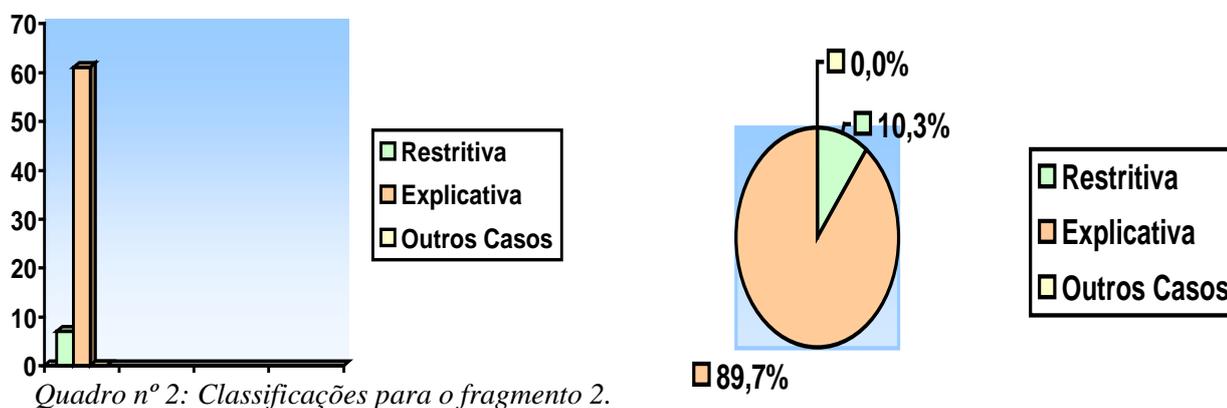
Fragmento 2

“Os alunos, **que foram mal na primeira avaliação**, terão aulas de reforço”.

(Magalhães & Cereja, *Gramática Reflexiva*, 8ª série).

Classificação dos alunos:

- Oração adjetiva restritiva..... 07 alunos
- Oração adjetiva explicativa..... 61 alunos
- Outros casos..... 0



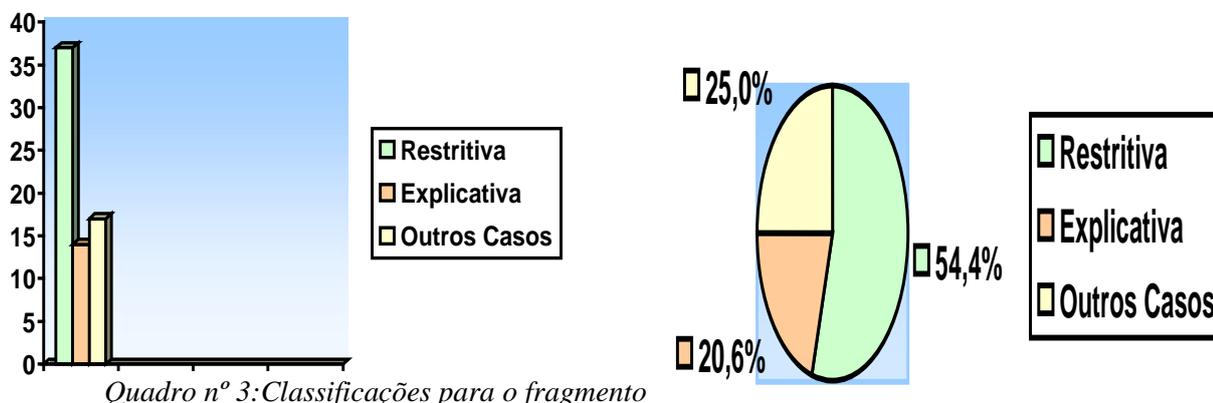
Para o fragmento 2, observa-se significativa quantidade de alunos, sessenta e um, que interpretaram o sentido como sendo explicativo. A referida oração contempla exemplo de adjetiva explicativa padrão, ou seja, acrescenta uma informação adicional ao antecedente. Tal característica pode ter contribuído para que 89,7% dos alunos classificassem a oração como explicativa.

Fragmento 3

“[...] Além de conhecimento e audácia, falta-me convicção: ainda não escrevi um texto **que merecesse ponto-e-vírgula**” (Veríssimo, O Globo, 15 nov. 2002, Opinião).

Classificação dos alunos:

- Oração adjetiva restritiva..... 37 alunos
- Oração adjetiva explicativa..... 14 alunos
- Outros casos..... 17 alunos



3.

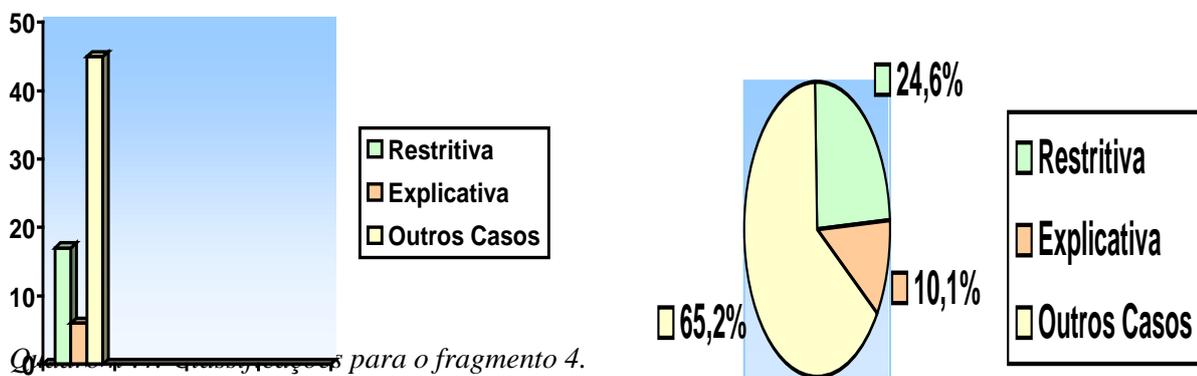
No fragmento 3, trinta e sete alunos, 54,4%, classificaram a oração sublinhada como restritiva quatorze alunos, 20,6%, classificaram a oração como explicativa e dezessete alunos, 25%, classificaram a oração como Outros Casos. O posicionamento da restritiva ao final do enunciado, ou seja, a configuração da oração no texto, dificultou a visualização da oração restritiva no texto. Verifica-se, também, que houve 25% de interpretação da mesma como Outros Casos.

Fragmento 4

“Estava sem assunto. **O que não deve surpreender ninguém.** Afinal, esta é praticamente uma constante. Estou sempre sem assunto. Mas aí tocou o telefone. Era a Adriane Galisteu. (Artur Xexéo, Jornal do Brasil, 3 set. de 1999).

Classificação dos alunos:

- Oração adjetiva restritiva..... 17 alunos
- Oração adjetiva explicativa..... 06 alunos
- Outros casos..... 45 alunos



No fragmento 4, dezessete alunos, 24,6%, classificaram a oração sublinhada como restritiva, sete, 10,1%, como explicativa e quarenta e cinco alunos, 65,2%, classificaram a oração como Outros Casos.

O fragmento 4 apresenta exemplo de oração adjetiva não prototípica, oração do tipo “desgarrada”, segundo as palavras de Decat (Decat, 2001). Tal arranjo oracional dificulta tanto a identificação, quanto a classificação da oração, fazendo com que, como confirmado acima, opte-se por classificá-la como Outros Casos.

7. Proposta de Interpretação para as adjetivas não prototípicas

Verificamos que os usos adjetivos, tais como apresentados no *corpus* desse trabalho, superam a classificação binária restrição x explicação. Constatamos dificuldades, por parte dos alunos pesquisados, em classificar as orações adjetivas quando se apresentam na forma não prototípica. Observamos que em alguns dos fragmentos de textos propostos aos alunos, a opção por classificar as orações sublinhadas como Outros Casos superou consideravelmente a opção por classificá-las como restritiva ou explicativa.

Em nossa pesquisa, os alunos, ao analisarem e classificarem as orações adjetivas dos exercícios propostos, enquanto falantes do português como língua materna, mesmo sem um destaque especial nas aulas de português acerca do gradiente dos usos oracionais adjetivos, tendem a não incluir no rótulo “adjetiva” ou “restritiva” os casos marginais, os arranjos não prototípicos. O rótulo “explicativa” foi, dentre as opções disponíveis, o mais freqüente.

Ao vincularmos os casos de orações adjetivas não prototípicas com o ensino, poderíamos fazer algumas reflexões:

- Mesmo não contempladas, em geral, pelos compêndios escolares e pelas gramáticas normativas, as orações adjetivas não prototípicas são passíveis de serem apresentadas em sala de aula como possibilidades de aprofundamento de conteúdos já tematizados.
- O professor pode interpretar e discutir uma possível classificação de exemplos de orações adjetivas não prototípicas, advindos de materiais extra classe, tais como jornais, revistas, cartas de leitores e textos argumentativos em sala de aula.
- O docente deve, também, envolver os alunos no processo ensino/aprendizagem, discutindo se o pronome relativo tal como apresentado nas orações não prototípicas não estaria funcionando mais como um operador discursivo; e, se assim for, seria mesmo o caso de se classificar tais orações como adjetivas?

Seguindo essa abordagem teórica, as orações adjetivas explicativas e restritivas estariam em pontos distintos do declive de integração oracional. Assim, as orações adjetivas explicativas, mais independentes da oração principal, pertenceriam ao nível da hipotaxe. As orações adjetivas restritivas, por sua vez, mais integradas ao sintagma nominal (SN) antecedente, portanto mais dependentes da oração principal, pertenceriam ao nível da subordinação. Lembramos que tais considerações, no entanto, referem-se às adjetivas restritivas e explicativas prototípicas.

Procuramos, assim, dentro desse conteúdo gramatical tão diversificado em suas manifestações de sentido e forma de organização estrutural, outras possíveis estratégias de interpretações para as orações adjetivas não prototípicas.

Além disso, o quadro de Hopper & Traugott (1993) configura, mesmo nos casos de adjetivas prototípicas, uma outra possibilidade de classificação das adjetivas, ou seja, hipotática explicativa para as adjetivas explicativas e subordinada restritiva para as adjetivas restritivas.

Nosso estudo verificou que em exemplos como:

“Os alunos **que foram mal na primeira avaliação** terão aulas de reforço” e
“Os alunos, **que foram mal na primeira avaliação**, terão aulas de reforço”

cujos arranjos oracionais seguem o modelo encontrado nas gramáticas normativas e nos compêndios escolares, o percentual de alunos que classificou e identificou a restritiva na primeira oração (82%), e a

explicativa na segunda oração (82%) foi bastante expressivo. Esse resultado permite concluir que, em sua versão prototípica, essas estruturas são identificáveis como ótimos exemplares da restrição e da explicação, respectivamente; que a comunidade estudantil conhece os traços básicos das duas modalidades padrão de articulação adjetiva.

Entretanto, em exemplos de orações adjetivas não prototípicas a classificação apresentou resultados distintos.

Azeredo (1997), em suas considerações a respeito de coordenação e subordinação, ressalta que “a coordenação percorre todos os níveis, associando palavras, sintagmas, orações. A coordenação é uma forma de encadeamento, um mecanismo antes **discursivo** que sintático” (grifo nosso, op. cit, p. 49). Além disso, ele distingue a associação discursiva *stricto sensu*, que se dá no domínio da oração, e a associação discursiva *lato sensu*, que se dá além da oração. Nos exemplos de orações adjetivas não prototípicas encontrados em nossa pesquisa, como em:

“*Estava sem assunto. O que não deve surpreender ninguém. Afinal, esta é praticamente uma constante. Estou sempre sem assunto. Mas aí tocou o telefone. Era a Adriane Galisteu*”. (Artur Xexéo, *Jornal do Brasil*, 3 de set. de 1999)

o percentual de alunos que a classificou como Outros Casos foi de 65,2%. Seguindo a proposta de Azeredo, poderíamos inferir que tal representação lingüística estaria funcionando como uma associação discursiva *lato sensu*, ou seja, além dos domínios da oração.

Esse resultado permite nossa reflexão acerca do rótulo *explicativa*, abrangente demais para fins de classificação de um específico modo de vinculação semântico-sintática. Na verdade, trata-se de uma construção oracional portadora de grande independência de sentido e de forma, cuja associação discursiva, como apontou Azeredo, se dá além da oração. Tal tipo de construção, se comparado ao gráfico proposto por Hopper & Traugott (vide acima), estaria para além do eixo *parataxe > hipotaxe > subordinação*.

Acrescente-se a isso que, se pensarmos em termos de pontuação, nos textos escritos, esse tipo de oração se destaca, inclusive, ao não se apresentar entre vírgulas, como usualmente ocorre com as adjetivas explicativas. Característica essa que vem confirmar o traço de independência semântica mais evidenciado.

Hopper & Traugott (1993) ressaltam que “as relativas apositivas podem, inclusive, carregar sua própria força ilocucionária, isto é, elas podem funcionar como atos de fala independentes do ato de fala da cláusula matriz” (op. cit, p.7). Os autores acrescentam que tais orações podem funcionar como questões ou imperativos em afirmações, o que as orações canonicamente encaixadas (em nosso caso específico, as restritivas) não podem fazer.

A partir das considerações acima, entendemos, portanto, que não cabe a classificação “adjetiva explicativa” para exemplos que fogem aos padrões preconizados pelas gramáticas normativas. Há que se observar, antes, em tais orações, o aspecto discursivo que ela porta dentro do contexto apresentado para, posteriormente, interpretá-la e/ou classificá-la de acordo com uma perspectiva mais abrangente.

Desta forma, poderíamos cogitar uma ampliação do eixo proposto por Hopper & Traugott, considerando o aspecto discursivo apresentado pelas orações adjetivas não prototípicas estudadas e observadas na presente pesquisa e propor:

discurso > parataxe > hipotaxe > subordinação

O referido eixo, dentro da perspectiva de se estudar as estruturas lingüísticas dentro de um *continuum*, daria mais flexibilidade para a classificação das orações adjetivas que fogem às características padrões preconizadas pelas gramáticas normativas e pelos compêndios escolares.

8. Referências bibliográficas

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

AZEVEDO, Ana Lucia; INTRATOR, Simone. *X versus Y*. O Globo, Rio de Janeiro, 27 mar. 2005. Revista O Globo, p. 23-29.

CEREJA; William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens* 8ª série. São Paulo: Atual Editora, 2000.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento; BRAGA, Maria Luiza; BITTENCOURT, Vanda de Oliveira; (orgs.). Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao 'desgarramento'. In: *Scripta : Linguística e filologia*. Vol. 5, no. 9. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

HERNANDES, Maria Célia Pereira Lima. *Gramaticalização de combinação de cláusulas: orações de tempo no português do Brasil*. São Paulo. Dissertação de Mestrado - USP, 1998.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. *Estabilidade e variação da sintaxe adjetiva*. II Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, Março, 2001.

_____. *A interface discurso & gramática no uso das orações adjetivas*. Anais do 8º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa. São Paulo: IP-PUC/SP, 2002 (p.177 – 188).

RONÁI, Cora. *Esfoldados em alemão: não bom*. O Globo, Rio de Janeiro, 24 jun.2006, Crônica, p.10.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

VERÍSSIMO, Fernando. *Técnicos*. O Globo, Rio de Janeiro, 27 jun.2006. Crônica, p.13.

_____. *Prólogo e epílogo*. O Globo, Rio de Janeiro, 09 jun. 2006.

_____. *Ponto-e-vírgula*. O Globo, Rio de Janeiro, 15 nov. 2002. Opinião, p.7.

_____. Estado de Minas, Minas Gerais, 18 set. 2001. Opinião, p.7.

VOTRE, Sebastião; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. *Estratégias discursivas e gramaticais do uso da adjetiva*. IN: Caderno de Letras da UFF, no.26 – Letras Clássicas e Vernáculas. Niterói: Instituto de Letras da UFF, 2004 (p.111-129).

VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2004.

XEXÉO, Artur. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 set. 1999.